

Reed: Brasil tem de pagar os juros

SÃO PAULO — O Presidente do Citibank, Joh Reed, revelou ontem que os bancos credores poderão concordar em negociar com o Brasil um novo acordo para o pagamento da dívida externa (dos juros atrasados, cerca de US\$ 8 bilhões, paralelamente às negociações que o Brasil manterá com o Fundo Monetário Internacional (FMI) que tem uma equipe no País, analisando o desempenho da economia brasileira.

Reed encontrou-se esta semana com o Presidente do Banco Central, Ibrahim Eris, e além dessa disposição de aceitar uma negociação paralela, deve transmitir uma mensagem de alerta: ou o Governo brasileiro retoma o pagamento dos juros atrasados, ou não terá mais créditos para financiar seu programa de desenvolvimento e não poderá participar significativamente nos leilões de privatização.

— Além de não pagar os juros atrasados, o Brasil sequer conversa a respeito — queixou-se Reed ontem em São Paulo, início de sua viagem de cinco dias ao País.

A jornalistas estrangeiros interessados em saber sobre sua eventual saída do comando do Citibank em função dos resultados negativos do banco no último trimestre, Reed respondeu que não acredita em mudanças motivadas por esses resultados. Mas reconheceu que o Citibank tem defendido sozinho a ideia de continuar a investir no Brasil.

— Não vou esconder o fato de que os acionistas do banco estão preocupados. A verdade é que quando o Citibank deixa de pagar os dividendos a seus acionistas, também não consegue captar recurso para investir no Brasil.

Reed, que falou ontem a empresários na Câmara de Comércio Brasil-Estados Unidos, criticou o fato de o Governo anterior utilizar recursos que deveriam ser destinados ao pagamento dos juros atrasados na compra de títulos da dívida externa brasileira no mercado secundário, títulos estes em poder de bancos que querem sair do rode credores e não pretendem mais investir no País.

— Acho até que os bancos que quiserem sair da torção de credores devem ter como fazê-lo. Mas a solução para esse problema deve ser negociada com o FMI.

Foto de José Carlos Moreira



Reed, na Câmara Brasil-EUA: 'Bancos aceitam negociar acordo paralelo ao FMI que possibilite o pagamento'